



*Carlos Drummond de Andrade*

# CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## POESIA COMPLETA

Conforme as disposições do autor

FIXAÇÃO DE TEXTOS E NOTAS DE  
Gilberto Mendonça Teles

INTRODUÇÃO DE  
Silviano Santiago



---

RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 2006

# SENTIMENTO DO MUNDO

1940

## SENTIMENTO DO MUNDO

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu  
estará morto e saqueado,  
eu mesmo estarei morto,  
morto meu desejo, morto  
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram  
que havia uma guerra  
e era necessário  
trazer fogo e alimento.  
Sinto-me disperso,  
anterior a fronteiras,  
humildemente vos peço  
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desafiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microscopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados  
ao amanhecer

esse amanhecer  
mais noite que a noite.

## CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira.  
 Principalmente nasci em Itabira.  
 Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
 Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
 Oitenta por cento de ferro nas almas.  
 E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
 vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.  
 E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
 é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
 este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
 esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;  
 este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
 este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
 Hoje sou funcionário público  
 Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
 Mas como dói!

## POEMA DA NECESSIDADE

É preciso casar João  
 é preciso suportar Antônio,  
 é preciso odiar Melquíades,  
 é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,  
 é preciso crer em Deus,  
 é preciso pagar as dívidas,  
 é preciso comprar um rádio,  
 é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,  
 é preciso estar sempre bêbedo,  
 é preciso ler Baudelaire,  
 é preciso colher as flores  
 de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,  
 é preciso não assassiná-los,  
 é preciso ter mãos pálidas  
 e anunciar o FIM DO MUNDO.

## CANÇÃO DA MOÇA-FANTASMA DE BELO HORIZONTE

Eu sou a Moça-Fantasma  
 que espera na Rua do Chumbo  
 o carro da madrugada.  
 Eu sou branca e longa e fria,  
 a minha carne é um suspiro  
 na madrugada da serra.  
 Eu sou a Moça-Fantasma.  
 O meu nome era Maria,  
 Maria-Que-Morreu-Antes.

Sou a vossa namorada  
 que morreu de apendicite,  
 no desastre de automóvel  
 ou suicidou-se na praia  
 e seus cabelos ficaram  
 longos na vossa lembrança.  
 Eu nunca fui deste mundo:  
 Se beijava, minha boca  
 dizia de outros planetas  
 em que os amantes se queimam  
 num fogo casto e se tornam  
 estrelas, sem ironia.

Morri sem ter tido tempo  
 de ser vossa, como as outras.  
 Não me conformo com isso,  
 e quando as polícias dormem  
 em mim e fora de mim,  
 meu espectro itinerante  
 desce a Serra do Curral,  
 vai olhando as casas novas,  
 ronda as hortas amorosas  
 (Rua Cláudio Manuel da Costa),  
 pára no Abrigo Ceará,

não há abrigo. Um perfume  
que não conheço me invade:  
é o cheiro do vosso sono  
quente, doce, enrodilhado  
nos braços das espanholas...  
Oh! deixai-me dormir convosco.

E vai, como não encontro  
nenhum dos meus namorados,  
que as francesas conquistaram,  
e que beberam todo o uísque  
existente no Brasil  
(agora dormem embriagados),  
espreito os carros que passam  
com choferes que não suspeitam  
de minha brancura e fogem.  
Os tímidos guardas-civis,  
coitados! um quis me prender.  
Abri-lhe os braços... Incrédulo,  
me apalpou. Não tinha carne  
e por cima do vestido  
e por baixo do vestido  
era a mesma ausência branca,  
um só desespero branco...  
Podeis ver: o que era corpo  
foi comido pelo gato.

As moças que ainda estão vivas  
(hão de morrer, ficai certos)  
têm medo que eu apareça  
e lhes puxe a perna... Engano.  
Eu fui moça, serei moça  
deserta, *per omnia saecula*.  
Não quero saber de moças.  
Mas os moços me perturbam.  
Não sei como libertar-me.  
Se o fantasma não sofresse,  
se eles ainda me gostassem  
e o espiritismo consentisse,  
mas eu sei que é proibido,  
vós sois carne, eu sou vapor.

Um vapor que se dissolve  
quando o sol rompe na Serra.

Agora estou consolada,  
disse tudo que queria,  
subirei àquela nuvem,  
serei lâmina gelada,  
cintilarei sobre os homens.  
Meu reflexo na piscina  
da Avenida Paraúna  
(estrelas não se compreendem),  
ninguém o compreenderá.

#### TRISTEZA DO IMPÉRIO

Os conselheiros angustiados  
ante o colo ebúrneo  
das donzelas opulentas  
que ao piano abemolavam  
“bus-co a cam-pi-na se-re-na  
pa-ra li-vre sus-pi-rar”,  
esqueciam a guerra do Paraguai,  
o enfado bolorento de São Cristóvão,  
a dor cada vez mais forte dos negros  
e sorvendo mecânicos  
uma pitada de rapé,  
sonhavam a futura libertação dos instintos  
e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus de Copacabana,  
[com rádio e telefone automático.

#### O OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de

perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que a corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora estou caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acozardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós: seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

#### MENINO CHORANDO NA NOITE

Na noite lenta e morna, morta noite sem ruído, um menino chora.  
O choro atrás da parede, a luz atrás da vidraça  
perdem-se na sombra dos passos abafados, das vozes extenuadas.  
E no entanto se ouve até o rumor da gota de remédio caindo na colher.

Um menino chora na noite, atrás da parede, atrás da rua,  
longe um menino chora, em outra cidade talvez,  
talvez em outro mundo.

E vejo a mão que levanta a colher, enquanto a outra sustenta a cabeça  
e vejo o fio oleoso que escorre pelo queixo do menino,  
escorre pela rua, escorre pela cidade (um fio apenas).  
E não há ninguém mais no mundo a não ser esse menino chorando.

#### MORRO DA BABILÔNIA

A noite, do morro  
descem vozes que criam o terror  
(terror urbano, cinquenta por cento de cinema,  
e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua geral).

Quando houve revolução, os soldados se espalharam no morro,  
o quartel pegou fogo, eles não voltaram.  
Alguns, chumbados, morreram.  
O morro ficou mais encantado.

Mas as vozes do morro  
não são propriamente lúgubres.  
Há mesmo um cavaquinho bem afinado  
que domina os ruídos da pedra e da folhagem  
e desce até nós, modesto e recreativo,  
como uma gentileza do morro.

#### CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

#### OS MORTOS DE SOBRECASACA

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,  
alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,  
em que todos se debruçavam  
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes  
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos.  
Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava  
que rebentava daquelas páginas.

#### BRINDE NO JUÍZO FINAL

Poetas de camiseiro, chegou vossa hora,  
poetas de elixir de inhamo e de tonofosfã,  
chegou vossa hora, poetas do bonde e do rádio,  
poetas jamais acadêmicos, último ouro do Brasil.

Em vão assassinaram a poesia nos livros,  
em vão houve *putschs*, tropas de assalto, depurações.  
Os sobreviventes aqui estão, poetas honrados,  
poetas diretos da Rua Larga.  
(As outras ruas são muito estreitas,  
só nesta cabem a poeira,  
o amor  
e a Light.)

#### PRIVILÉGIO DO MAR

Neste terraço mediocrementemente confortável,  
bebemos cerveja e olhamos o mar.  
Sabemos que nada nos acontecerá.

O edifício é sólido e o mundo também.

Sabemos que cada edifício abriga mil corpos  
labutando em mil compartimentos iguais.  
Às vezes, alguns se inserem fatigados no elevador  
e vêm cá em cima respirar a brisa do oceano,  
o que é privilégio dos edifícios.

O mundo é mesmo de cimento armado.

Certamente, se houvesse um cruzador louco,  
fundeadado na baía em frente da cidade,  
a vida seria incerta... improvável...

Mas nas águas tranqüilas só há marinheiros fiéis.  
Como a esquadra é cordial!

Podemos beber honradamente nossa cerveja.

#### INOCENTES DO LEBLON

Os inocentes do Leblon  
não viram o navio entrar.  
Trouxe bailarinas?  
trouxe emigrantes?  
trouxe um grama de rádio?  
Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,  
mas a areia é quente, e há um óleo suave  
que eles passam nas costas, e esquecem.

#### CANÇÃO DE BERÇO

O amor não tem importância.  
No tempo de você, criança,  
uma simples gota de óleo  
povoará o mundo por inoculação,  
e o espasmo  
(longo demais para ser feliz)  
não mais dissolverá as nossas carnes.

Mas também a carne não tem importância.  
E doer, gozar, o próprio cântico afinal é indiferente.  
Quinhentos mil chineses mortos, trezentos corpos de namorados sobre a  
[via férrea

e o trem que passa, como um discurso, irreparável:  
tudo acontece, menina,  
e não é importante, menina,  
e nada fica nos teus olhos.

Também a vida é sem importância.  
Os homens não me repetem  
nem me prolongo até eles.  
A vida é tênue, tênue.  
O grito mais alto ainda é suspiro,  
os oceanos calaram-se há muito.

Em tua boca, menina,  
ficou o gosto de leite?  
ficará o gosto de álcool?

Os beijos não são importantes.  
No teu tempo nem haverá beijos.  
Os lábios serão metálicos,  
civil, e mais nada, será o amor  
dos indivíduos perdidos na massa  
e só uma estrela  
guardará o reflexo  
do mundo esvaído  
(aliás sem importância.).

#### INDECISÃO DO MÉIER

Teus dois cinemas, um ao pé do outro, por que não se afastam  
para não criar, todas as noites, o problema da opção  
e evitar a humilde perplexidade dos moradores?  
Ambos com a melhor artista e a bilheteira mais bela,  
que tortura lançam no Méier!

#### BOLERO DE RAVEL

A alma cativa e obcecada  
enrola-se infinitamente numa espiral de desejo  
e melancolia.  
Infinita, infinitamente...  
As mãos não tocam jamais o aéreo objeto,  
esquiva ondulação evanescente.  
Os olhos, magnetizados, escutam  
e no círculo ardente nossa vida para sempre está presa,  
está presa...  
Os tambores abafam a morte do Imperador.

#### LA POSSESSION DU MONDE

Os homens célebres visitam a cidade.  
Obrigatoriamente exaltam a paisagem.  
Alguns se arriscam no Mangue,  
outros se limitam ao Pão de Açúcar,

mas somente Georges Duhamel  
passou a manhã inteira no meu quintal.  
Ou antes, no quintal vizinho do meu quintal.

Sentado na pedra, espiando os mamoeiros,  
conversava com o eminente neurologista.

Houve uma hora em que ele se levantou  
(em meio a erudita dissertação científica).  
Ia, talvez, confiar a mensagem da Europa  
aos corações cativos da jovem América...  
Mas apontou apenas para a vertical  
e pediu *ce cocasse fruit jaune*.

#### ODE NO CINQUENTENÁRIO DO POETA BRASILEIRO

Esse incessante morrer  
que nos teus versos encontro  
é tua vida, poeta,  
e por ele te comunicas  
com o mundo em que te esvais.

Debruço-me em teus poemas  
e neles percebo as ilhas  
em que nem tu nem nós habitamos  
(ou jamais habitaremos)  
e nessas ilhas me banho  
num sol que não é dos trópicos,  
numa água que não é das fontes  
mas que ambos refletem a imagem  
de um mundo amoroso e patético.

Tua violenta ternura,  
tua infinita polícia,  
tua trágica existência  
no entanto sem nenhum sulco  
exterior — salvo tuas rugas,  
tua gravidade simples,  
a acidez e o carinho simples  
que desbordam em teus retratos,  
que capturo em teus poemas,



são razões por que te amamos  
e por que nos fazes sofrer...

Certamente não sabias  
que nos fazes sofrer.

É difícil explicar  
esse sofrimento seco,  
sem qualquer lágrima de amor,  
sentimento de homens juntos,  
que se comunicam sem gesto  
e sem palavras se invadem,  
se aproximam, se compreendem  
e se calam sem orgulho.

Não é o canto da andorinha, debruçada nos telhados da Lapa,  
anunciando que tua vida passou à toa, à toa.  
Não é o médico mandando exclusivamente tocar um tango argentino,  
diante da escavação no pulmão esquerdo e do pulmão direito infiltrado.  
Não são os carvoeirinhos raquíticos voltando encarapitados nos burros  
[velhos.

Não são os mortos do Recife dormindo profundamente na noite.  
Nem é tua vida, nem a vida do major veterano da guerra do Paraguai,  
a de Bentinho Jararaca  
ou a de Christina Georgina Rossetti:  
és tu mesmo, é tua poesia,  
tua pungente, inefável poesia,  
ferindo as almas, sob a aparência balsâmica,  
queimando as almas, fogo celeste, ao visitá-las;  
é o fenômeno poético, de que te constituíste o misterioso portador  
e que vem trazer-nos na aurora o sopro quente dos mundos, das amadas  
[exuberantes e das situações  
[exemplares que não suspeitávamos.

Por isto sofremos: pela mensagem que nos confias  
entre ônibus, abafada pelo pregão dos jornais e mil queixas operárias;  
essa insistente mas discreta mensagem  
que, aos cinquenta anos, poeta, nos trazes;  
e essa fidelidade a ti mesmo com que nos apareces  
sem uma queixa no rosto entretanto experiente,  
mão firme estendida para o aperto fraterno  
— o poeta acima da guerra e do ódio entre os homens —,

o poeta ainda capaz de amar Esmeralda embora a alma anoiteça,  
o poeta melhor que nós todos, o poeta mais forte  
— mas haverá lugar para a poesia?

Efetivamente o poeta Rimbaud fartou-se de escrever,  
o poeta Maiakovski suicidou-se,  
o poeta Schmidt abastece de água o Distrito Federal...  
Em meio a palavras melancólicas,  
ouve-se o surdo rumor de combates longínquos  
(cada vez mais perto, mais, daqui a pouco dentro de nós).  
E enquanto homens suspiram, combatem ou simplesmente ganham di-  
[nheiro,

ninguém percebe que o poeta faz cinquenta anos,  
que o poeta permaneceu o mesmo, embora alguma coisa de extraordinário  
[se houvesse passado,  
alguma coisa encoberta de nós, que nem os olhos traíram nem as mãos  
[apalparam,

susto, emoção, enternecimento,  
desejo de dizer: Emanuel, disfarçado na meiguice elástica dos abraços,  
e uma confiança maior no poeta e um pedido lancinante para que não nos  
[deixe sozinhos nesta cidade  
em que nos sentimos pequenos à espera dos maiores acontecimentos.

Que o poeta nos encaminhe e nos proteja  
e que o seu canto confidencial ressoe para consolo de muitos e esperança  
[de todos,  
os delicados e os oprimidos, acima das profissões e dos vãos disfarces do  
[homem.

Que o poeta Manuel Bandeira escute este apelo de um homem humilde.

#### OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
 Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
 Mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
 És todo certeza, já não sabes sofrer.  
 E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
 Teus ombros suportam o mundo  
 e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
 As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
 provam apenas que a vida prossegue  
 e nem todos se libertaram ainda.  
 Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
 prefeririam (os delicados) morrer.  
 Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
 Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
 A vida apenas, sem mistificação.

#### MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
 Também não cantarei o mundo futuro.  
 Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
 Entre eles, considero a enorme realidade.  
 O presente é tão grande, não nos afastemos.  
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
 não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
 não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
 não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
 O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,  
 a vida presente.

#### DENTADURAS DUPLAS

*A Onestaldo de Pennafort*

Dentaduras duplas!  
 Inda não sou bem velho  
 para merecer-vos...  
 Há que contentar-me  
 com uma ponte móvel  
 e esparsas coroas.  
 (Coroas sem reino,  
 os reinos protéticos  
 de onde proviestes  
 quando produzirão  
 a tripla dentadura,  
 dentadura múltipla,  
 a serra mecânica,  
 sempre desejada,  
 jamais possuída  
 que acabará  
 com o tédio da boca,  
 a boca que beija,  
 a boca romântica?...) )

Resovin! Hecoljite!  
 Nomes de países?  
 Fantasmas femininos?  
 Nunca: dentaduras,  
 engenhos modernos,  
 práticos, higiênicos,  
 a vida habitável:  
 a boca mordendo,  
 os delirantes lábios  
 apenas entreabertos  
 num sorriso técnico,  
 e a língua especiosa  
 através dos dentes  
 buscando outra língua,  
 afinal sossegada...  
 A serra mecânica  
 não tritura amor.  
 E todos os dentes  
 extraídos sem dor.

E a boca liberta  
das funções poético-  
sofístico-dramáticas  
de que rezam filmes  
e velhos autores.

Dentaduras duplas:  
dai-me enfim a calma  
que Bilac não teve  
para envelhecer.  
Desfibrarei convosco  
doces alimentos,  
serei casto, sóbrio,  
não vos aplicando  
na deleitação convulsa  
de uma carne triste  
em que tantas vezes  
me eu perdi.

Largas dentaduras,  
vosso riso largo  
me consolará  
não sei quantas fomes  
ferozes, secretas  
no fundo de mim.  
Não sei quantas fomes  
jamais compensadas.  
Dentaduras alvas,  
antes amarelas  
e por que não cromadas?  
e por que não de âmbar?  
de âmbar! de âmbar!  
feéricas dentaduras,  
admiráveis presas,  
mastigando lestras  
e indiferentes  
a carne da vida!

### REVELAÇÃO DO SUBÚRBIO

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a vidraça do carro,  
vendo o subúrbio passar.  
O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,  
com medo de não repararmos suficientemente  
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.  
A noite come o subúrbio e logo o devolve,  
ele reage, luta, se esforça,  
até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais  
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

### A NOITE DISSOLVE OS HOMENS

*A Portinari*

A noite desceu. Que noite!  
Já não enxergo meus irmãos.  
E nem tampouco os rumores  
que outrora me perturbavam.  
A noite desceu. Nas casas,  
nas ruas onde se combate,  
nos campos desfalecidos,  
a noite espalhou o medo  
e a total incompreensão.  
A noite caiu. Tremenda,  
sem esperança... Os suspiros  
acusam a presença negra  
que paralisa os guerreiros.  
É o amor não abre caminho  
na noite. A noite é mortal,  
completa, sem reticências,  
a noite dissolve os homens,  
diz que é inútil sofrer,  
a noite dissolve as pátrias,  
apagou os almirantes  
cintilantes! nas suas fardas.  
A noite anoiteceu tudo...  
O mundo não tem remédio...  
Os suicidas tinham razão.

Aurora,  
 entretanto eu te diviso, ainda tímida,  
 inexperiente das luzes que vais acender  
 e dos bens que repartirás com todos os homens.  
 Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,  
 adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva noturna.  
 O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,  
 teus dedos frios, que ainda se não modelaram  
 mas que avançam na escuridão como um sinal verde e peremptório.  
 Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,  
 minha carne estremece na certeza de tua vinda.  
 O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam,  
 os corpos hirtos adquirem uma fluidez,  
 uma inocência, um perdão simples e macio...  
 Havemos de amanhecer. O mundo  
 se tingem com as tintas da antemanhã  
 e o sangue que escorre é doce, de tão necessário  
 para colorir tuas pálidas faces, aurora.

## MADRIGAL LÚGUBRE

Em vossa casa feita de cadáveres,  
 ó princesa! ó donzela!  
 em vossa casa, de onde o sangue escorre,  
 quisera eu morar.

Cá fora é o vento e são as ruas varridas de pânico,  
 é o jornal sujo embrulhando fatos, homens e comida guardada.  
 Dentro, vossas mãos níveas e mecânicas tecem algo parecido com um véu.  
 O mundo, sob a neblina que criais, torna-se de tal modo espantoso  
 que o vosso sono de mil anos se interrompe para admirá-lo.

Princesa: acordada sois mais bela, princesa.  
 E já não tendes o ar contrariado dos mortos à traição.  
 Arrastar-me-ei pelo morro e chegarei até vós.  
 Tão completo desprezo se transmudará em tanto amor...  
 Dai-me vossa cama, princesa,  
 vosso calor, vosso corpo e suas repartições,  
 oh dai-me! que é tempo de guerra,  
 tempo de extrema precisão.

Não vos direi dos meninos mortos  
 (nem todos mortos, é verdade,  
 alguns, apenas mutilados).  
 Tampouco vos contarei a história  
 algo monótona talvez  
 dos mil e oitocentos atropelados  
 no casamento do rei da Ásia.  
 Algo monótono... Ásia monótona...  
 Se bocejardes, minha cabeça  
 cairá por terra, sem remissão.

Sutil flui o sangue nas escadarias.  
 Ah, esses cadáveres não deixam  
 conciliar o sono, princesa?  
 Mas o corpo dorme; dorme assim mesmo.

Imensa *berceuse* sobe dos mares,  
 desce dos astros lento acalanto,  
 leves narcóticos brotam da sombra,  
 doces unguentos, calmos incensos.  
 Princesa, os mortos! gritam os mortos!  
 querem sair! querem romper!  
 Tocai tambores, tocai trombetas,  
 impõe silêncio, enquanto fugimos!

... Enquanto fugimos para outros mundos,  
 que esse está velho, velha princesa,  
 palácio em ruínas, ervas crescendo,  
 lagarta mole que escreves a história,  
 escreve sem pressa mais esta história:  
 o chão está verde de lagartas mortas...  
 Adeus, princesa, até outra vida.

## LEMBRANÇA DO MUNDO ANTIGO

Clara passeava no jardim com as crianças.  
 O céu era verde sobre o gramado,  
 a água era dourada sob as pontes,  
 outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,  
 o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,  
 a menina pisou a relva para pegar um pássaro,  
 o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo em redor de  
 [Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.  
 A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.  
 Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.  
 Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,  
 esperava cartas que custavam a chegar,  
 nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela  
 [manhã!!!

Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

#### ELEGIA 1938

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
 onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.  
 Praticas laboriosamente os gestos universais,  
 sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,  
 e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.  
 À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze  
 ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra  
 e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.  
 Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina  
 e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas  
 sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.  
 A literatura estragou tuas melhores horas de amor.  
 Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
 e adiar para outro século a felicidade coletiva.  
 Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
 porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

#### MUNDO GRANDE

Não, meu coração não é maior que o mundo.  
 É muito menor.  
 Nele não cabem nem as minhas dores.  
 Por isso gosto tanto de me contar.  
 Por isso me dispo,  
 por isso me grito,  
 por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:  
 preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.  
 Só agora vejo que nele não cabem os homens.  
 Os homens estão cá fora, estão na rua.  
 A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.  
 Mas também a rua não cabe todos os homens.  
 A rua é menor que o mundo.  
 O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.  
 Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.  
 Viste as diferentes cores dos homens,  
 as diferentes dores dos homens,  
 sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso  
 num só peito de homem... sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.  
 Escuta a água nos vidros,  
 tão calma. Não anuncia nada.  
 Entretanto escorre nas mãos,  
 tão calma! vai inundando tudo...  
 Renascerão as cidades submersas?  
 Os homens submersos — voltarão?

Meu coração não sabe.  
 Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.  
 Só agora descubro  
 como é triste ignorar certas coisas.  
 (Na solidão de indivíduo  
 desaprendi a linguagem  
 com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,  
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.  
Nunca escutei voz de gente.  
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei  
países imaginários, fáceis de habitar,  
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao suicídio.  
Meus amigos foram às ilhas.  
Ilhas perdem o homem.  
Entretanto alguns se salvaram e  
trouxeram a notícia  
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,  
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.  
Entre o amor e o fogo,  
entre a vida e o fogo,  
meu coração cresce dez metros e explode.  
— Ó vida futura! nós te criaremos.

#### NOTURNO À JANELA DO APARTAMENTO

Silencioso cubo de treva:  
um salto, e seria a morte.  
Mas é apenas, sob o vento,  
a integração na noite.

Nenhum pensamento de infância,  
nem saudade nem vão propósito.  
Somente a contemplação  
de um mundo enorme e parado.

A soma da vida é nula.  
Mas a vida tem tal poder:  
na escuridão absoluta,  
como líquido, circula.

Suicídio, riqueza, ciência...  
A alma severa se interroga  
e logo se cala. E não sabe  
se é noite, mar ou distância.

Triste farol da Ilha Rasa.

FIM DE "SENTIMENTO DO MUNDO"